

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO Protestant Reform and Modern Philosophical Thought

Jeverson Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno, uma análise resumida da vida e das obras de *Rene Descartes* que é considerado, por muitos estudiosos, o pai da filosofia moderna. Seus pensamentos influenciam muitos pesquisadores e estudantes na atualidade. Presentes no texto estão: *o pensamento filosófico moderno* e o discurso do método. Na pesquisa do artigo observou-se que *Rene Descartes* expressou seu desapontamento com o saber de sua época, que as obras de *Rene* formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. Analisa-se também o afastamento da teologia do prestígio da ciência, o impacto das ideias dos pensadores. Esses pensamentos modernos foram capazes de influenciar até mesmo o mais alto escalão da academia, tal ação levou muitos acadêmicos ao afastamento da Teologia acadêmica e prática em sua época.

Palavras-chaves: Reforma Protestante. Discurso do Método. Pensamento Cartesiano.

ABSTRACT

This article contemplates a reflective approach to modern thought, a brief analysis of the life and works of Rene Descartes, who is considered, by many scholars, the father of modern philosophy. His thoughts influence many researchers and students today; present

¹ Possui Licenciatura e Especialização em Filosofia pelas Faculdades Entre Rios de Piauí (2016), graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2014), pós-graduação em Psicopedagogia Clínica pela FACEI (2018). É mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (2017) e doutorando em Teologia pela PUC do Paraná. Atualmente é bolsista da CAPES e pesquisador do Centro de Teologia de Santa Catarina. Tem experiência na área de teologia, com ênfase em práticas ministeriais, atuando principalmente nos seguintes temas: divergências e convergências, Deus, métodos de interpretação bíblica, Bíblia Sagrada e filosofia. E-mail: prjeverson@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-2738-5222>.

in the text is the modern philosophical thought, the discourse of method. In the article's research, it was observed that Rene Descartes expressed his disappointment with the knowledge of his time, that Rene's works formed a basis on which the rationalists developed their works and formulated their hypotheses. It is also analyzed the departure of theology from the prestige of science, the impact of the ideas of the thinkers, these modern thoughts were able to influence even the highest echelon of the academy, such action led many academics to move away from academic and practical theology in their time.

Keywords: Reformation. Speech of the method. Cartesian Thinking.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma análise do pensamento “*filosófico moderno*” resumido na vida e nas obras do autor que é considerado por muitos o pai da filosofia moderna. Neste texto, analisar-se-á o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, textos em que Descartes expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Em continuação é desenvolvida uma breve apresentação do então conhecido método cartesiano, demonstrando que tal método consiste em um ceticismo metodológico. Observa-se que as obras de Descartes formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses.

Em seguida procura-se entender o afastamento da teologia do prestígio da ciência e como esse afastamento influenciou a teologia de nossos dias. Para chegar-se a tal conclusão é feita uma análise de como o método científico de Descartes e o pensamento filosófico moderno foram capazes de influenciar a academia de tal forma que acabou por levar os acadêmicos ao afastamento da Teologia.

Procura-se ainda demonstrar a importância da teologia como ciência, não eliminando os aspectos da fé, nem os aspectos práticos da teologia. Tais aspectos para alguns autores, são elementos indispensáveis para se fazer teologia. A intenção do trabalho é conduzir o leitor a reflexões sobre o tema, ampliando, assim, o horizonte para o surgimento de novas ideias, o diálogo é sobre um tema de importância histórica. A relevância deste trabalho se dará pela ampliação da pesquisa e pelas comemorações dos mais de 500 anos da Reforma Protestante. Acredita-se ser esse o momento propício para dialogar sobre este tema.

A metodologia utilizada na produção do texto foi a leitura, interpretação de livros, periódicos e artigos. Cada texto foi selecionado cuidadosamente, com o intuito de contribuir com o tema já mencionado. Cada tópico foi produzido com a intenção de cativar o leitor a se aprofundar no assunto, esse aprofundamento poderá ter seu início durante a leitura deste trabalho, e continuar após a leitura dele, pois não se pretende esgotar o assunto.

1. O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

René Descartes, matemático e filósofo francês, é considerado fundador da filosofia moderna e pai da matemática; um homem brilhante em sua época, porém tinha a saúde frágil, necessitando constantemente de cuidados; a avó do filósofo dedicou muito tempo de sua vida cuidando dele. *Descartes* entrou no colégio Jesuíta de Le Flèche e nesse estabelecimento teve

a formação filosófica e científica, aprendeu a filosofia pelo *método escolástico*. O que mais agradava a *Descartes* era a matemática. Por dar a seus questionamentos respostas exatas. Entrou para a Universidade de Pitiers e se formou em direito. Como não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos, resolveu entrar para o exército. Fez, então, uma forte amizade com um entusiasta da Física e da Matemática, Isaac Beckman um jovem médico holandês. Após ter se alistado no exército em 1617, *Descartes* descobriu que tinha talento para matemática, de modo que ele passou a maior parte de seus anos militares estudando matemática pura, principalmente geometria analítica. *Descartes* tinha um projeto filosófico cada vez mais ligado na matemática, queria associar as leis numéricas com as leis do mundo, resgatando a antiga doutrina pitagórica. Sua principal teoria afirmava-se na eficácia da razão. Queria refletir sobre a questão da autonomia da ciência e objetividade da razão frente ao Deus todo poderoso.²

A chamada Idade da Razão surgiu para redefinir os padrões científicos e filosóficos já existentes. O conhecido método cartesiano consiste no ceticismo metodológico, que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque "precisam" existir *Descartes instituiu* a dúvida: "só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado", sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, o autor buscou provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, "eu que penso, logo existo").³ O filósofo nesta declaração descobriu o homem como um ser racional por natureza com a capacidade de alcançar o conhecimento; destacando que, a existência do homem é definida pelo ato de pensar.

As obras de *Descartes* formaram a base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. As principais obras do filósofo são: "*Discurso sobre o Método (1637)*", "*Meditações sobre Filosofia Primeira (1641)*", "*Princípios de Filosofia (1644)*". Na obra "*Homem*" o filósofo tem seu pensamento influenciado por: *Platão, Pitágoras, Aristóteles, Sexto Empírico, Pirro, Agostinho, Aquino, Anselmo, Ockham, Sanches, Suáres, Scotus, Mersenne, Montaigne*. Dessa forma percebe-se que o método racionalista de *Descartes* descrito como "*Método Cartesiano*", contrariava o pensamento teológico da época sobre a existência de Deus, causando um enorme desconforto na igreja católica que era a religião predominante da época.⁴

2. O DISCURSO DO MÉTODO

Em o *Discurso do Método*, sua principal obra, *Descartes* expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Grande parte daquilo em que ele acreditava se revelara falso. Questionando a influência teológica de sua época, o autor resolveu buscar somente o

² STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

³ DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴ DESCARTES, René. "Penso, logo existo" In: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.

conhecimento que pudesse encontrar dentro de si mesmo ou na natureza. Empenhou-se em encontrar uma verdade irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento. Descartes foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a *inviolável autonomia da mente*, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo através de suas próprias faculdades mentais.⁵

Segundo Descartes, a certeza somente poderá ser alcançada pela razão, e para se chegar a uma conclusão sobre qualquer hipótese é necessário a utilização de um método. Para tanto ele desenvolve o seu próprio método científico baseado em quatro regras clássicas⁶, que são:

- Não aceitar jamais como verdadeiro uma coisa que não se reconheça evidentemente como verdadeira, abolindo a precipitação, o preconceito e os juízos subjetivos (EVIDÊNCIA);
- O dividir as dificuldades em tantas partes quantas for possível e necessário para resolvê-las (ANÁLISE);
- O conduzir ordenadamente o pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até culminar com os objetos mais complexos, em uma sequência natural de complexidade crescente (SÍNTESE);
- O realizar sempre discriminações e enumerações as mais completas e revisões as mais gerais, de forma a se ter certeza de nada haver sido omitido (ENUMERAÇÃO).

O método de Descartes tem influenciado até os dias de hoje inúmeras pessoas. Desse modo, ele é proclamado pela comunidade científica e é chamado de o pai da ciência moderna, quem sabe, seja ele o responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência. Mesmo tendo desenvolvido o método científico, ainda assim considerava a matemática como sendo caminho prático e seguro para se chegar ao conhecimento de diversas hipóteses. Para ele, aplicando o raciocínio matemático aos problemas filosóficos, poder-se-ia alcançar a mesma certeza e clareza evidenciadas na geometria analítica. Tal afirmação foi publicada em seu livro “*Discurso do Método*”, em 1637, e sobre tal conhecimento destaca que:

Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”, mas sim de conhecer.⁷

Para Descartes, a utilização do método geométrico, matemático é importante e pode ser aplicado a tudo. Ele diz que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras poderiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que

⁵ BECERRA, Luiza. **René Descartes e o método científico**. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acessado em 09-05-2017.

⁶ SILVA, Guilherme Diniz. **Sobre a noção de certeza na filosofia cartesiana**. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/guilhermesilva.pdf>>. Acesso em 09-05-2019.

⁷ PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide, 2014, p. 73.

não pudesse ser revelado por meio delas.⁸ O pensamento do autor na obra *“Discurso do Método”* encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão, o seu sistema filosófico, tal como o resumido em seu livro, pode ser também dividido em seis etapas: Primeiro, a *“dúvida universal”* como ponto de partida metodológico. Segundo, sua *“primeira certeza”*, ou o ponto arquimédico de sua filosofia, *“Penso, logo existo”*. Terceiro, sua *“antropologia”*, ou a resposta que deste à pergunta *“o que sou”*. Quarto, sua *“epistemologia”*, em especial o seu critério de veracidade: as ideias *“claras e distintas”*. Quinto, sua *“metafísica ou teologia filosófica”*: as provas da existência de Deus. Sexto, sua *“fundamentação filosófica das ciências”*: a prova da realidade do mundo físico.⁹

Para Hedi, o *“Discurso do Método”* foi a obra em que Descartes lançou as bases do pensamento que viria modificar toda a história da filosofia. Alguns anos depois suas ideias foram retomadas nas *“Meditações Metafísica”*. O filósofo estava disposto a encontrar uma base sólida para servir de alicerce a todo conhecimento.¹⁰

Segundo Stranthern, Descartes morreu de pneumonia em 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente. Neste período, o autor estava trabalhando como professor a convite da rainha Christina. Acostumado a permanecer na cama até meio-dia, sofreu muito com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo. Em 1667, os restos mortais de Descartes foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca. No mesmo ano, a Igreja Católica envia os nomes de seus livros para uma lista de livros proibidos. Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em homenagem ao filósofo, uma vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada *“La Haye-Descartes”*.¹¹ Uma mente tão brilhante, com métodos que estão influenciando a academia até os dias de hoje, pode-se dizer que *Descartes* morreu prematuramente e que ainda tinha muito a contribuir com seus métodos, os quais são considerados por muitos filósofos atuais como inacabados.

Pode-se dizer que Rene Descartes continua vivo ainda nos dias atuais, sua filosofia, seus métodos nunca morreram. Porém, a filosofia com todos os seus métodos filosóficos atuais poderá ser questionada como ciência, e também cair no descrédito como afirma *Maxwell*: “não basta à filosofia constatar uma realidade, mas deve ir além, para encontrar a causa ou

⁸ PETER, 2014, p. 73-76.

⁹ PETER, 2014, p. 73-76.

¹⁰ STRECKER, Heidi. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-217.

¹¹ STRATHERN, 1997.

as causas através da razão. É justamente essa qualidade peculiar que garante ‘cientificidade’ à filosofia”.¹²

3. O AFASTAMENTO DA TEOLOGIA DO PRESTÍGIO DA CIÊNCIA

O dilema entre a razão e a fé religiosa é um problema que envolve uma diversidade de diálogos filosóficos e teológicos que se desenvolveram ao longo dos anos. A sociedade atual nomeia esse período de diálogos como antiguidade, Idade Média, Modernidade e, de certa forma, a contemporaneidade. De um modo mais específico, esses problemas concentraram-se no âmago da filosofia e teologia cristã durante a Idade Média, não chegando a um consenso entre a filosofia e a teologia.¹³

Para Cavalcante, outros pensadores medievais, como Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1285 – 1347), tentaram mostrar que não é possível conciliar “*as verdades da fé*” com as “*verdades da razão*”, uma vez que a filosofia e a ciência têm dificuldades para compreender a fé, conceitos sem provas físicas.¹⁴ Nesse sentido Cavalcante afirma que a crença em si é um estado mental cuja disposição é desejar ser verdadeira. As crenças sem demonstrações e provas não fazem parte do estudo da epistemologia tradicional e nem de uma teologia racional.¹⁵

Com base em pensamentos assim, não é possível conciliar “*as verdades da fé*” com as “*verdades da razão*”, que no século XV surgiu o humanismo renascentista, na península itálica, em um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Nesse período, rompeu-se com a filosofia, com a teologia cristã da escolástica medieval. Com esse rompimento, valoriza-se o saber dos gregos antigos abandonado a teologia da escolástica e retomando a concepção do humanismo. O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado. Nesse período, a filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa. Com o começo do afastamento da teologia do prestígio da ciência e da filosofia, o homem e seus atributos liberdade e razão passam a ser importantes novamente, e não mais apenas as questões do mundo divino.

Nessa época, nas artes predominam os temas pagãos, totalmente afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum e simples, não mais a reis e santos. Surge um período em que se valoriza o corpo físico e a dignidade humana. Nesse período, surge a ruptura com a tradição cristã, a qual era fundamentada em Deus, na teologia, passou-se a valorizar mais o homem e deixar Deus de lado. É o período chamado pela ciência de Humanismo Renascentista: conhecido pelo destaque nas artes plásticas, valorização do homem, liberdade e criatividade. Esse é o momento do rompimento com visão do sagrado,

¹² MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acessado em 09-05-2017.

¹³ ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de; SANTOS, Frederik Moreira dos. Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II. **Revista Nures**. Ano XIV, Número 34, setembro-dezembro de 2016.

¹⁴ ALBUQUERQUE, 2016.

¹⁵ ALBUQUERQUE, 2016.

bem como o rompimento do diálogo entre teologia e arte, que posteriormente acontece no pensamento, na política, na literatura.

Valoriza-se o homem e rompe-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a Ciência Antiga. É o momento de novos pensadores e artistas, tais como: *Leonardo da Vinci*, *William Shakespeare*, *Rafael*, *Maquiavel*, *Michelangelo*, *Montaigne* entre outros. Essas transformações, na maneira de pensar e ver o mundo, são resultado de várias condições históricas no mundo europeu, entre elas pode-se destacar: O Humanismo Renascentista do século XV; A descoberta do Novo Mundo século XV. A Reforma Protestante do século XVI; A revolução científica do século XVII.¹⁶

O afastamento da ciência da teologia tem seu auge durante os séculos XV e XVI. Nesse período *Galileu* (1564 d.C. – 1642 d.C.) propõe a renovação da ciência de sua época, abandonando a confiança na autoridade, no senso comum e na tradição. Na busca por uma ciência livre de tudo aquilo que a prende tanto na cultura como na teologia. Para ele, os textos da tradição filosófica ou teológica não devem servir para responder as questões científicas. As questões científicas devem ser confirmadas ou refutadas através da experiência e da observação feitas diretamente sobre o objeto que está sendo examinado.¹⁷

Embora seja um defensor da ciência, para Galileu ciência e fé não interferem uma na outra, pois ambas trabalham em planos diferentes. Para ele, a fé trabalha e dialoga sobre um plano metafísico de mundo, enquanto a ciência age sobre o mundo físico. Galileu faz a comparação de que no mundo existem dois livros com o objetivo de revelarem a mesma verdade, mas de forma diferente. O primeiro livro é a Bíblia que busca a salvação e a redenção das almas e cujos escritos científicos são simplificados e próprios para o entendimento do povo. A natureza é o segundo livro que para ser interpretado tem que ser lido de forma científica e objetiva. Os dois livros são obras de um único autor, por isso mesmo não podem ser contraditórios.¹⁸ Sendo assim, tanto a ciência como a fé devem ser interpretadas de formas diferentes.

4. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A pergunta básica que não quer calar é: a teologia é ciência? É a pergunta que ainda é feita constantemente nos círculos acadêmicos. Para *Sinner*, pergunta-se, conseqüentemente “a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com as demais disciplinas, filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática?”¹⁹

Um segundo questionamento precisa ser feito, pois há uma preocupação que permeia os alunos que buscam instituições teológicas no Brasil: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Ou como dizem nos jargões populares pentecostais,

¹⁶ OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação: aproximações e convergências**. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

¹⁷ MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.

¹⁸ GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988, p. 21.

¹⁹ SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

quem faz teologia acaba se desviando e se esfriando na fé? Este questionamento ainda hoje é legítimo e pertinente.

Já em 1972 a ideia de que a teologia seria uma ciência era negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia. Segundo *Brandt*, as objeções levantadas contra a possibilidade de uma Teologia Científica no âmbito da ciência, pressupõem as seguintes características de ciência:

A ciência deve ser “pura” e sem pressuposições. Não se exige apenas uma terminologia exata, mas também a independência de pressuposições “estranhas ao assunto”. Com isso, p. ex., exigência pelo relacionamento prático de uma ciência ou por sua aplicabilidade num campo concreto é tida como a científica. Ciência só pode determinar aqueles objetos, aos quais qualquer homem sensato tem acesso. Ciência ocupa-se exclusivamente com o reconhecimento de objetos intramundanos.²⁰

Brandt afirma que, caso sejam estas as pressuposições de uma ciência, a teologia não pode ser ciência, como também do mesmo modo as demais ciências já reconhecidas e destacadas a seguir não poderiam fazer parte da ciência atual:

Todas as ciências que trabalham com línguas e história, com a interpretação de textos e acontecimentos anteriormente dados, e as, que, como a ciência jurídica (ou mesmo a medicina), são inimagináveis sem uma referência a uma realidade concreta, não seriam ciências puras no sentido do ideal da matemática pura, p. ex. O fato de a Teologia não pressupor apenas a razão, mas também a fé, em termos gerais significa: ela não é possível sem uma atitude específica frente a seu objeto. Também isto não se restringe apenas à Teologia, porém, da mesma maneira, p. ex., ao âmbito total da arte (ciência musical, ciência teatral etc.).²¹

Dessa forma, pressupõem-se que se a teologia não pode ser tratada como ciência as demais disciplinas já mencionadas por *Brandt*, também não deveriam ter seu reconhecimento como ciência. Na demonstração do que poderia ser chamado de ciência, *Plantinga* tenta mostrar quais critérios poderiam identificar algo como ciência. Então parte, afirmando que:

Talvez, o melhor que possamos fazer, em caracterizar algo como científico, é dizer que o termo “ciência” se aplica a uma atividade que é (1) um empreendimento sistemático e disciplinado objetivando encontrar verdade sobre o mundo e (2) tenha um envolvimento empírico significativo. Isso, é claro, é muito vago (Quão sistemático? Quão disciplinado? Quanto envolvimento empírico?) e, talvez, indevidamente permissivo. (Astrologia seria contada como ciência mesmo se fosse apenas uma ciência ruim?) Ainda, temos muitos excelentes exemplos de ciência e excelentes exemplos de não ciência.²²

Nesse sentido, *Plantinga* reconhece que mesmo propondo esses critérios ainda assim não se poderia ter uma definição concreta do que realmente é ciência. A princípio, quando comparada com as demais ciências, a teologia parece inadequada e incoerente. Entretanto,

²⁰ BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? *Estudos Teológicos*, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

²¹ BRANDT, 1972, p. 94-95.

²² PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2007.

percebe-se que cada ciência possui suas próprias especificidades, métodos, objetos de estudo e pressupostos. Portanto, isso não é diferente para a teologia e é com base em uma análise desses elementos: “características próprias da teologia”, que a ciência teológica deve ser delineada.²³ Pode-se dizer, por exemplo, que a filosofia não tem elementos empíricos para certificar que alguma proposta sua seja de fato verdadeira, todavia, ninguém trata a filosofia como incoerente ou como uma não ciência ou desprovida de valor.

Manzatto afirma que “desde os tempos de *Santo Anselmo*, a teologia foi configurada como “*fides quaerens intellectum*”. Há, portanto, uma clara referência à racionalidade na elaboração da teologia, de onde deriva a afirmação de sua cientificidade.²⁴

Porém, a elaboração a teologia tem o seu começo com o “*auditus fidei*”, a escuta da fé que precede o “*intellectus fidei*”, sua elaboração científica e racional. Para Manzatto a racionalidade e a cientificidade da teologia são, por isso, específicas: sem deixar de sê-lo, não se reduzem ao paradigma de “ciência exata”. Até porque os conteúdos da fé não são derivados de conclusões afirmadas por via de racionalidade.²⁵

5. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E OS ASPECTOS DA FÉ E A SUA IMPORTÂNCIA

Na defesa da teologia como ciência dentro das universidades, Manzatto afirma que é importante levar em consideração aspectos da própria teologia como a fé, portanto ela é a primeira em relação à elaboração teológica. Sendo assim, é possível afirmar que:

Os elementos e afirmações básicos da fé cristã não são, conclusões de raciocínios ou silogismos, mas dados pela revelação. O Deus em quem se crê não se conhece por dedução lógica a partir de raciocínios, mas por sua própria revelação, que fundamenta a possibilidade de conhecê-lo. Em outras palavras, não é o homem que “descobre” Deus ou a ele chega, mas é ele quem vem em direção ao humano, revelando-se e possibilitando-lhe conhecê-lo. A aceitação dessa sua revelação fundamenta a possibilidade da elaboração teológica. A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica. Necessariamente, por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião, fazer estudo da evolução das práticas, conhecimentos e comportamentos religiosos, estudo dos ritos e suas diferentes significações segundo as culturas, estudo dos comportamentos humanos derivados das afirmações religiosas, elaboração de teorias e afirmações sobre as influências psicológicas dos comportamentos religiosos, estudo da evolução dos estudos bíblicos ou assemelhados, mas não fará teologia. Nela a fé é uma exigência. A fé funda, pois, a especificidade da racionalidade teológica, inclusive porque ela será o elemento a partir do qual todos os outros conhecimentos serão vistos e analisados pela teologia.²⁶

²³ PLANTINGA, 2007.

²⁴ MANZATTO, Antônio. **A Teologia na Universidade**. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09-05-2017.

²⁵ MANZATTO, 2017.

²⁶ MANZATTO, 2017.

A aceitação da fé como premissa para elaboração teológica é defendida por Manzatto, pois a revelação deverá ser fundamental na elaboração teológica. “A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé. Isso é teologia para o autor, a qual afirma que: “por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião”²⁷, mas não um teólogo. Então, para se elaborar a defesa da teologia como ciência deve-se levar em consideração o aspecto da fé e não somente da racionalidade.

Ainda segundo Manzatto, um aspecto da teologia que destaca a sua importância como ciência para sociedade é seu aspecto prático. Para se fazer teologia sem descartar a fé é preciso pôr em prática essa teologia discutida nos círculos acadêmicos e ver seus desdobramentos na prática. *Tillich* afirma, que para fazer teologia é preciso levar a sério a situação em que se está vivendo. O termo “situação” tem neste autor um sentido fundamental. Só se faz teologia a partir da situação. Ou seja, toda teologia é uma reflexão sobre a história do passado, do presente e do futuro. Ao usar o método de correlação, *Tillich* tenta unir mensagem e situação; tenta correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Ele relaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina.²⁸

Segundo Zabatiero, a teologia é o movimento dos corpos, cujos sentidos estão sintonizados aos sentidos de Deus, remetendo, assim, que a imagem do ser “pastoral” é “estar a serviço” do próximo.²⁹ A teologia prática e disciplinar para atingir seu objetivo, ter relevância na sociedade, deveria ser portadora de uma mensagem bíblica com uma prática pastoral modelo, respondendo de forma clara a todos os questionamentos e problemas do ser humano moderno, bem como sendo um pronto socorro às pessoas que dela precisarem. A própria igreja, como comunidade peregrina de fé e portadora da teologia, deveria situar-se em um plano, no qual expõe a palavra viva, fonte de toda inspiração teológica, tendo a mensagem, a resposta de Deus para os anseios da humanidade, oferecendo paz, cura e salvação através do Cristo ressurreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as análises chega-se a um consenso que Descartes é o pai da ciência moderna e de fato sua morte foi prematura, pois seus métodos inacabados poderiam contribuir muito para o meio acadêmico. Ficou evidente que seu método científico tem influenciado pensadores até os dias atuais. Portanto ainda não se sabe se seu método foi o único responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência.

²⁷ MANZATTO, 2017.

²⁸ TILLICH. Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 17.

²⁹ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte; Faculdade Unida, 2012, p. 17.

Não foram identificadas as causas definitivas do afastamento da teologia do prestígio da ciência, apenas se elencou possíveis causas, pois para se chegar a tal conclusão requer-se uma pesquisa mais ampla sobre o assunto. Quanto a teologia como ciência, é possível afirmar que, embora ela tenha caído em descrédito, ela tem ganhado espaço no meio acadêmico atualmente. Porém, a mesma tem características próprias, tais como: a fé e seu aspecto, prático entre outros que foi impossível elencar neste texto por ser uma questão mais ampla, como tal deve ser respeitada como ciência.

As análises e contribuições para o meio acadêmico estão presentes em cada tópico do texto. Com cada tópico, procura-se elencar questões que precisam ser debatidas no meio acadêmico, abrindo, assim, um leque de possibilidades para trabalhos futuros, ficando aberto para uma série de sugestões. Fazer teologia sem o uso da fé não é teologia de verdade “a fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé. Isso é teologia,

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de; SANTOS, Frederik Moreira dos. Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II. **Revista Nures**. Ano XIV, Número 34, setembro-dezembro de 2016.

BECERRA, Luiza. **René Descartes e o método científico!** Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acessado em 09-05-2017.

BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? **Estudos Teológicos**, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DESCARTES, René. “Penso, logo existo” In: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011. p. 116-122.

GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988.

MANZATTO, Antônio. **A Teologia na Universidade**. Disponíveis em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09-05-2017.

MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF>. Acessado em 09-05-2017.

MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.

OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação**: aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide, 2014.

PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2007.

SILVA, Guilherme Diniz. Sobre a noção de certeza na filosofia cartesiana. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/guilhermesilva.pdf>>. Acessado em 09-05-2019.

SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

STRECKER, Heidi. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-2017.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte; Faculdade Unida, 2012.